

AVENIDAS NOVAS

JUNTA de FREGUESIA
Edição: #05 - Bimestral.....
Janeiro 2021.....
Distribuição gratuita.....



UM PRESENTE COM FUTURO

EXE CUTI VO.



Ana Gaspar.
Presidente

Pelouros: Associativismo;
Comunicação; Cultura; Educação;
Gabinete Jurídico; Saúde;
Transparência.



Dora Albuquerque.
Vogal

Pelouros: Ambiente; Espaço
Público; Mobilidade; Urbanismo.



Gonçalo Moita.
Vogal

Pelouros: Intervenção Social.



Jorge d'Almeida.
Vogal

Pelouros: Desporto;
Participação Cidadã.



José Athayde.
Secretário



José Escarameia.
Tesoureiro

Pelouros: Aproveitamento e
Contratação Pública; Finanças;
Património; Recursos Humanos;
Secretaria-Geral.



Venâncio Rosa.
Vogal

Pelouros: Higiene Urbana;
Equipamentos; Licenciamentos;
Proteção Civil.

ÍNDICE.

- 03. Editorial
- 04. Higiene Urbana
- 06. Sensibilização Ambiental
- 07. Quiz Ambiental
- 08. Campanha "O MAR COMEÇA AQUI"
- 10. Tó Romano, Mentor do Jardim Aurora Verde
- 12. Jardim Amélia Carvalheira
- 13. Novas das Avenidas
- 14. Vamos acabar com a Pandemia!
- 16. O dia a dia de um voluntário da Junta
- 18. A Voz do Vizinho: Waleed Youssef
- 20. Associação Zoófila de Lisboa
- 22. À conversa com Yvette Centeno
- 24. Gente com História: Maria dos Santos Soares
- 26. Entrevista a Fátima Campos Ferreira
- 30. Empreendedores: Audax
- 31. Memória das Avenidas



FICHA TÉCNICA.

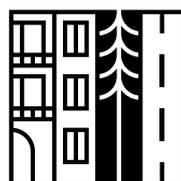
DIREÇÃO: **Ana Gaspar.**
COORDENAÇÃO EDITORIAL: **Nuno Azinheira.**
REDAÇÃO: **Frederico Sacramento.**
FOTOGRAFIA: **Pedro Sá Machado.**

GABINETE DE COMUNICAÇÃO
COORDENAÇÃO GERAL: **André Azevedo.**

PROPRIEDADE: **Junta de Freguesia de Avenidas Novas**
Avenida de Berna 1, 1050-036 Lisboa
219 363 060
www.jf-avenidasnovas.pt
geral@jf-avenidasnovas.pt

EDIÇÃO Nº 05 - **JANEIRO 2021**
TIRAGEM: **20.000 exemplares**
PERIODICIDADE BIMESTRAL
DISTRIBUIÇÃO GRATUITA
DEPÓSITO LEGAL: **373515/14**

É expressamente proibida a reprodução dos presentes conteúdos sem a autorização da Junta de Freguesia de Avenidas Novas. Todos os direitos reservados.



JUNTA de
FREGUESIA
**AVENIDAS
NOVAS**

EDI TO RIAL.

Estamos no caminho certo para vencer a pandemia

Resiliência. Esta virtude será uma das nossas maiores aliadas nos próximos tempos. Após a esperança com a chegada da vacina para a covid-19, veio o choque com a realidade do crescente número de infetados e de vítimas mortais. Encontramo-nos de novo em confinamento. Vemo-nos privados de algumas liberdades, com tudo o que isso encerra de adaptação para os agregados familiares. Mas maior é o esforço e o risco para aqueles que trabalham nas unidades de saúde – que as presentes medidas, aliás, também visam proteger. Por outro lado, numa perspetiva socio-económica, e numa altura em que a Junta vinha fazendo uma campanha de apoio ao consumo local – aliada à isenção de taxas de ocupação do espaço público até ao final do ano – o estado de emergência obrigou a maior parte do comércio e dos serviços a voltarem a fechar as portas.

Por isso, temos de ser resilientes. Mas devemos ser também responsáveis e solidários. Cabe a cada um cumprir as recomendações, mas também apoiar os mais vulneráveis. Agora, mais do que nunca, ser bom vizinho é estar atento aos outros, e os Fregueses das Avenidas Novas têm dado provas de espírito comunitário e solidário, como pode constatar nesta edição. Também às autarquias cabe um papel fundamental nesta matéria. E, tal como o Governo põe em prática planos económicos para ajudar empresas e cidadãos, a sua Junta de Freguesia, em estreita articulação com a Câmara Municipal de Lisboa, continuará a desenvolver o trabalho de apoio social que tem aliviado as carências da população mais vulnerável, nomeadamente com a



distribuição de refeições gratuitas. Daremos continuidade ao apoio psicológico e responderemos, dentro das nossas atribuições, às necessidades dos idosos mais isolados e daqueles que padecem de doenças crónicas ou têm mobilidade reduzida.

Por outro lado, não obstante as restrições impostas pelo combate à pandemia, prosseguiremos tarefas fundamentais da Junta, como a limpeza e a manutenção do espaço público, incluindo os espaços verdes, e daremos especial atenção às condições de segurança das nossas duas escolas básicas – São Sebastião e Mestre Arnaldo Louro de Almeida – para que as famílias possam enfrentar o novo regime de teletrabalho com o sentimento de que as suas crianças estão bem entregues.

Num período tão incerto, vale a pena ler as palavras de duas mulheres fortes e serenas da nossa Freguesia: Yvette Centento e Fátima Campos Ferreira mostram-nos que é importante viver com paixão. Encontremos inspiração nas suas palavras, bem como nos gestos solidários de outros vizinhos, que nos emocionam e nos dão otimismo. Vamos, então, percorrer este caminho juntos!

Ana Gaspar



HIGIENE URBANA

Junta investe meio milhão de euros para melhorar a limpeza das ruas

A higiene urbana tem sido uma aposta crescente da Junta de Freguesia de Avenidas Novas. Prova disso tem sido o investimento reiterado em equipamentos de limpeza de rua e em recursos humanos. Mas há sempre caminho para melhorar e as sugestões são sempre bem-vindas.

A Junta de Freguesia de Avenidas Novas adquiriu no final do ano passado mais duas viaturas, uma delas elétrica, para o departamento de Higiene Urbana, com o objetivo de reforçar a limpeza das ruas. Com esta nova aquisição sobem para oito as viaturas disponíveis ao serviço da freguesia. “No início do mandato tínhamos apenas dois equipamentos a trabalhar”, afirma o vogal da Higiene

Urbana. “Ao longo destes três anos comprámos sete, mas uma teve de ser abatida e ir para a reforma”, completa.

O investimento representa “um esforço financeiro grande, até porque duas destas viaturas são varredouras, porque a freguesia não dispunha de nenhuma”. Uma custou 170 mil euros e outra custou 90 mil euros. “No total, o equipamento mecânico que comprámos representou um investimento de cerca de 500 mil euros pagos pelo orçamento da Junta”, assegura Venâncio Rosa.

Mas o investimento na limpeza das ruas não se ficou pela aquisição de equipamentos, absolutamente essenciais para a função. “Nestes três anos duplicámos o número de recursos humanos alocados à Higiene Urbana. Com as contratações que fizemos, neste momento temos cerca de 80 funcionários”, sublinha o vogal da Higiene Urbana, Equipamentos, Licenciamento e Proteção Civil. Um esforço que permitiu “mais equipas no terreno”, mas permitiu também “assegurar o serviço, mesmo em condicionais excecionais”.

Venâncio Rosa nota que “o Covid-19 criou uma série



de constrangimentos em todo o lado e nas equipas da Junta também”. “Tivemos de minimizar os riscos de eventuais focos de Covid-19 que pudessem aparecer nas nossas equipas. Na prática isso obrigou-nos a dividir a equipa de Higiene Urbana em seis grupos distintos, sem contactos entre eles, para precaver situações sanitárias. Sem este investimento no reforço do contingente de pessoal afeto à Higiene Urbana, não teria sido possível, por exemplo, assegurar os serviços mínimos de limpeza durante os meses de abril e maio do ano passado, ou agora em que o país voltou a confinar.

“Com as melhorias introduzidas nos últimos meses, 2021 é o ano em que os efeitos começarão a sentir-se”, estima o vogal, embora o novo confinamento venha trazer nova incógnita. “Os casos aumentaram, as pessoas voltaram a parar, há mais gente em casa, há mais lixo doméstico. Enfim, não são as condições ideais para uma estabilização da limpeza das ruas”, explica o responsável, que sublinha que “todas as críticas são bem-vindas”. “Tem havido um trabalho sério por parte da Junta, mas há sempre caminho para fazer e temos de continuar a melhorar”, constata. Venâncio Rosa garante que “a Junta toma boa nota das queixas dos fregueses”. “Boa parte das queixas é legítima, temos de aceitar e procurar corrigir. São queixas

que nos ajudam a melhorar e até a identificar situações que, algumas vezes, até podemos desconhecer”.

O vogal procura, contudo, fazer alguma pedagogia e lembra que “no caso da higiene urbana, a Junta e a Câmara têm competências diferentes”. “Acredito que muita gente sabe essas diferenças, mas é bom fazer alguma pedagogia e sermos claros: quando falamos em limpeza das ruas, varredura, lavagem e recolha de lixo nas papeleiras, isso é trabalho da Junta de Freguesia. Tudo o que é recolha do lixo e remoção dos contentores são funções atribuídas à Câmara Municipal”.

O ciclo de limpeza não se fecha, porém, sem um terceiro vértice do triângulo. “É muito importante que os cidadãos exijam mais dos serviços públicos e façam as suas críticas construtivas, mas é também fundamental que os vizinhos nos ajudem a fazer das Avenidas Novas, avenidas mais limpas. Esse trabalho não se faz sem ajuda e o civismo de todos”, conclui Venâncio Rosa.

Fica, pois, a nota, em jeito de lema de vida: “Lixo no chão, não!”

LIXO NO CHÃO, NÃO!



SENSIBILIZAÇÃO AMBIENTAL

Lixo no chão, não! E assim nasceu um hino

A Junta de Freguesia de Avenidas Novas desafiou o músico Jorge Rivotti a fazer o Hino da Higiene Urbana. Uma música jovem e simples para sensibilizar miúdos e graúdos para a necessidade de cuidar-mos do que é nosso.

O ano de 2021 começou sob o signo da sensibilização ambiental. Na sequência do que tem sido a mensagem da Junta para o exterior, com o reforço do departamento de Higiene Urbana para mais limpeza nas ruas, com a distribuição gratuita de cinzeiros pelos comerciantes, vamos continuar a apostar na sensibilização dos mais jovens.

“Na abordagem que temos tido com as crianças da nossa freguesia, nomeadamente das escolas básicas de São Sebastião da Pedreira e Mestre Arnaldo Louro de Almeida, é muito notório que as crianças

estão cada vez mais sensibilizadas para as questões do ambiente e do Planeta”, garante o vogal da Higiene Urbana, Venâncio Rosa.

O caminho é insistir. Foi com esse objetivo que a Junta lançou o desafio ao músico Jorge Rivotti para criar o Hino da Higiene Urbana. “Fiquei muito contente com o convite que não estava à espera.” O compositor confessa que “foi a primeira vez” que fez um trabalho sobre esta temática, mas garante que o Ambiente é uma preocupação para si. “Sendo eu músico, tenho feito muitos trabalhos para cinema e outros que me são pedidos por e empresas e organizações, mas nunca sobre esta tema, mas ainda bem que assim foi, porque o meu comportamento diário é muito ambiental”, conta. Rivotti recorda os tempos em que foi professor e como “a mensagem ecológica e a necessidade de cuidar do planeta” sempre foi um objetivo.

“Estamos num tempo em que as preocupações ambientais estão na ordem do dia, sejam a separação e reciclagem dos lixos, seja a poluição dos oceanos, seja a limpeza das ruas, seja o consumo energético. Não podemos adiar mais essa urgência”, conclui o músico, de 58 anos de idade.



QUIZ AMBIENTAL



O que você sabe de Ambiente?

Há muito tempo que se fala de Ambiente? Mas você está verdadeiramente informado e sabe como contribuir para um Mundo melhor? Leia as perguntas, arrisque as respostas e... tire as suas próprias conclusões.

1. O que é Reciclar?

- a) Deitar fora o lixo
- b) Fazer a recolha do lixo reciclado
- c) Nome que se dá ao processo de transformação de materiais usados em novos produtos para consumo

2. No ecoponto, para que serve o contentor azul?

- a) Para garrafas
- b) Para embalagens de papel
- c) Para todas as embalagens que não cabem no lixo tradicional e que merecem ser recicladas

3. O lixo eletrónico é reciclável?

- a) Sim, deve ser colocado no contentor amarelo, destinado a outras embalagens.
- b) As pilhas e baterias não constituem qualquer ameaça ao meio ambiente
- c) Sim, claro. Pilhas, baterias e outros equipamentos devem ser colocados no pilhão.

4. Quantas vezes uma lata pode ser reciclada?

- a) 100 mil vezes
- b) Infinitamente
- c) 18 vezes

5. Como consumir de forma consciente?

- a) Procurar comprar nos saldos, que é mais barato.
- b) Utilizando os recursos naturais para satisfazer as nossas necessidades e das gerações futuras.
- c) Usar a mangueira para lavar o quintal e o carro.

6. Qual destas não é uma fonte de energia limpa?

- a) Carvão
- b) Eólica
- c) Solar

7. A reciclagem de uma tonelada de papel evita o abate de quantas árvores?

- a) 40 a 60 árvores
- b) 15 a 20
- c) Mais de cem

8. Quais são as principais fontes de poluição da água potável?

- a) Descargas provenientes dos esgotos industriais, domésticos, da agricultura e pecuária
- b) Indústrias hoteleiras
- c) Algas

9. A vida útil das lampas economizadoras é quantas vezes superior às das lampas incandescentes?

- a) 20 vezes superior
- b) 2 vezes superior
- c) 8 vezes superior

10. O Dia Mundial do Ambiente comemora-se a que dia?

- a) 21 de março, juntamente com o Dia da Árvore
- b) 5 de junho
- c) 10 de outubro, com a queda da folha



SOLUÇÕES: 1. c) 2. b) 3. c) 4. b) 5. a) 6. a) 7. a) 8. a) 9. a) 10. c)





CAMPANHA “O MAR COMEÇA AQUI”

O lixo das sarjetas só termina nos oceanos

É a mais recente campanha ambiental lançada pela Junta de Freguesia. Depois do reforço da divisão de Higiene Urbana, depois da distribuição gratuita de cinzeiros de rua pelos comerciantes, chegou a vez da sensibilização pela limpeza das sarjetas. Acha pouco importante? Então leia este texto e perceba o que andamos a fazer ao Planeta em que vivemos...

Sabia que 25 milhões de toneladas de resíduos são descarregados todos os anos no mar? E que desses, 10 a 12 milhões são de plástico? Estes números, divulgados pela Comissão Oceanográfica Intergovernamental da Unesco, têm um resultado prático desastroso para a biodiversidade e ecossistemas marinhos, com um milhão de aves marinhas e 100 mil mamíferos marinhos a morrer,

todos os anos, devido à poluição por plástico. Mas não, as consequências não ficam por aqui. Segundo o Parlamento Europeu, cujos deputados adotaram em 2018 as novas regras da União Europeia, o custo estimado do lixo marinho situa-se entre os 259 e os 695 milhões de euros, principalmente para o setor do turismo e das pescas. Outro dado impressionante que dá que pensar: a reciclagem de um milhão de toneladas de plástico equivale a retirar um milhão de carros das estradas, no que toca a emissões de dióxido de carbono.

OS 10 ARTIGOS ENCONTRADOS NO MAR

1. Garrafas de plástico e tampas
2. Beatas de cigarros
3. Cotonetes de algodão
4. Pacotes de batatas fritas
5. Produtos de higiene íntima
6. Sacos de plástico
7. Talheres, palhinhas e colheres pequenas
8. Copos de bebidas e respetivas tampas
9. Balões e varas de balão
10. Recipientes para alimentos

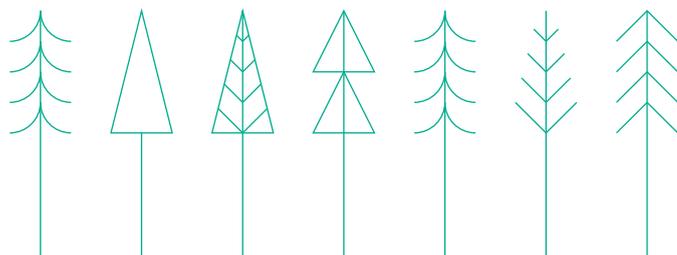


Foi a pensar nesta realidade negra que a Junta de Avenidas Novas lançou já este mês de janeiro a campanha de sensibilização “O Mar Começa Aqui”, que consiste na pintura de 55 sarjetas localizadas estrategicamente junto a passadeiras da freguesia. O lema da campanha surge pintado no asfalto, juntamente com a frase adotada pela Junta: “Lixo no chão, não!”. “Esta ação é muito importante para a sensibilização da população e para a mudança da sua atitude comportamental, que é decisiva em termos ambientais”, afirma o vogal da Higiene Urbana da Junta. Venâncio Rosa acrescenta que “é fundamental ter práticas ambientais corretas, porque disso depende o futuro da humanidade”. E sublinha: “Não é inócuo deitarmos para o chão uma simples beata, um lenço de papel ou uma máscara. Há quem pense que, individualmente, uma máscara ou um papel no chão não acrescenta mal ao mundo. Mas se todos pensarem assim, estamos a contribuir de forma decisiva para a destruição do planeta.

O responsável acredita que “há hoje uma muito maior consciencialização, sobretudo das gerações mais novas, para a problemática ambiental”. “Mas isso é perceptível igualmente numa faixa etária mais avançada, por influência dos filhos e netos, que trazem da escola para casa novos hábitos”.

TOME NOTA DAS BOAS PRÁTICAS AMBIENTAIS

- Evite os plásticos de utilização única, como palhinhas, pratos ou talheres descartáveis
- Quando for ao supermercado, leve um saco de tecido ou materiais não plásticos
- Não atire pastilhas para o chão. Também têm plástico
- Compre mais alimentos a granel e menos embalados. Vai levar dois limões? Para quê mais um saco de plástico?
- Compre molas da roupa em madeira e não em plástico
- Evite o uso de cosméticos com microplásticos e aposte em roupa biodegradável
- Aposte na reciclagem e dê uma segunda oportunidade a algumas embalagens
- Faça um uso racional da água. Feche a torneira quando enquanto lava os dentes
- Aproveite ao máximo a luz natural
- Poupe papel. Imprima documentos só quando necessário
- Em distâncias curtas, deixe o carro em casa. Prefira ir a pé
- Acelere e desacelere suavemente. Acelerações bruscas consomem mais combustível e emitem mais poluentes atmosféricos
- Use o ar condicionado do carro o estritamente necessário. O seu uso diminui a potência do equipamento, aumenta o consumo de combustível e a libertação de emissões para a atmosfera





~~~~~ TÓ ROMANO, MENTOR DO JARDIM AURORA VERDE ~~~~~

“O jardim foi a semente que fez germinar a aproximação entre os vizinhos”

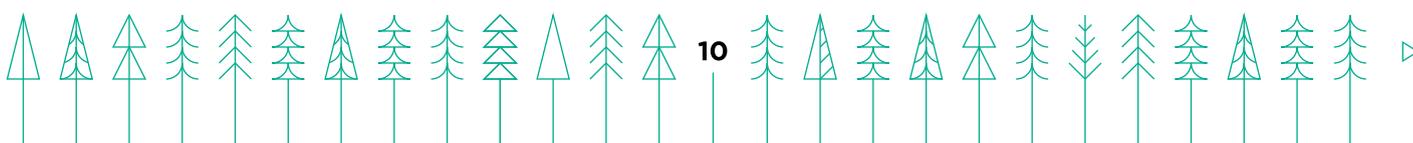
Quando, em pleno confinamento, o diretor da agência Central Models começou a plantar bolbos de flores junto ao seu prédio, no Bairro Santos, não sabia que estava a pôr em marcha um movimento de vizinhos em torno de um jardim comunitário, que mereceu inclusivamente o apoio técnico da Junta. Chamou-lhe Aurora Verde.

Num final de manhã fria de janeiro, Tó Romano – cara conhecida não obstante a barba, dos muitos anos como modelo – apareceu à hora marcada, acompanhado do cão, para nos contar a história do Jardim Aurora Verde, na Rua Julieta Ferrão.

O homem que tem o sonho de tornar Portugal o país mais florido do mundo conta-nos: “Isto não foi planeado. Em março, durante o confinamento, comecei a plantar uns bolbos de flores para explodirem na primavera. Entretanto, uma vizinha disse-me que tinha uma planta e perguntou-me se eu arranjava um cantinho.” Indica um cato junto a um cata-vento. “Como era um cato, não dava para plantar junto das flores. Dado que este lado é virado a sul, pusemos aqui o cato. E como eu tinha um cato pequeno, também o pus aqui.”

Mas há mais: “De repente, os vizinhos começaram a aparecer com suculentas. Percebemos que os gatos e as suculentas casavam bem e começámos a pôr mais plantas junto à parede do edifício. Cada vez mais vizinhos iam trazendo plantas. Ao sábado de manhã, vinha para aqui plantá-las. Havia dias em que colocava 30 plantas. Isto começou a ganhar dimensão, fomo-nos informando sobre o processo de crescimento das suculentas e começámos a dispô-las já prevendo o seu crescimento.

A certa altura foi necessário delimitar o jardim. “Estas pedras de basalto criavam uma onda gira, os gatos e as suculentas conjugavam-se bem com as





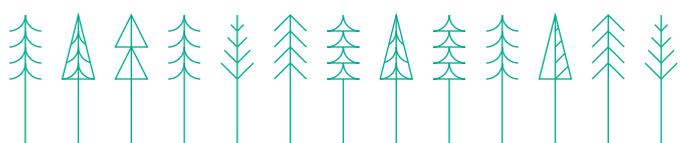
pedras, e então aconteceu um segundo fenómeno”, conta, “Num sábado fomos apanhar pedras roladas à praia e, no domingo, os vizinhos começaram a trazer pedras também. Entretanto, meteram-se as férias e as pessoas trouxeram pedras características das várias zonas do país.” Vai apontando pedras pretas e brancas da Costa Vicentina, granitos da Peneda-Gerês, xistos, pedras alaranjadas das escarpas do Algarve e até umas escolhidas a dedo no Castelo de Almourol... “No dia em que acabámos de pôr as pedras, isto ficou com um aspeto de filigrana tremendo.”

“Chegou um momento em que era necessário dar uma satisfação à Junta pelo facto de estarmos a apoderar-nos de um espaço que não era da nossa competência e, por outro lado, porque necessitávamos do apoio da autarquia, nomeadamente porque havia aspersores aqui no relvado e estas plantas não podem levar muita água no verão. De volta e meia, recebíamos a visita da arquiteta paisagista da Junta, que nos ia alertando para alguns perigos, como umas plantas que podiam ser invasoras. Começámos a dialogar e a sentir um apoio grande da Junta.” Acordou-se que o jardim devia ser delimitado, a Junta encarregou-se de substituir o tapete de relva e, nomeadamente, de assentar um corredor de pedra para as pessoas poderem apre-

ciar o jardim sem pisarem a relva. “O que é fascinante é que isto foi uma iniciativa dos moradores à qual a Junta aderiu de imediato. Foi absolutamente exemplar e a realidade está aqui. Quase todos os dias vejo fotos do jardim nas redes sociais.”

Mas o que Tó Romano destaca acima de tudo é “a participação em massa de praticamente todo o Bairro Santos. Eu não conhecia quase vizinho nenhum, hoje falo com o bairro inteiro.” Já sente que o jardim não é efémero: “Vem aí um dragoeiro dos Açores, que uma vizinha vai buscar. Muitas destas espécies têm uma grande capacidade de crescimento. As agaves têm uma flor enorme, que fica pendente sobre o jardim, que deverá aparecer daqui a dois anos. Temos aqui um entretenimento visual maravilhoso para os próximos anos.”

E conclui: “A Covid-19 fechou-nos em casa. Todos perdemos a primavera passada. Mas ficámos contentes com a notícia do regresso dos golfinhos ao Tejo e dos flamingos a Peniche. O jardim nasceu por causa da covid e a sua componente mais atrativa são os contornos sociais. Criámos aqui um espaço de biodiversidade, de junção entre pessoas, acima de tudo com o pendor de nos sentirmos todos de alguma maneira ligados e atentos à Natureza.”





JARDIM AMÉLIA CARVALHEIRA

Vêm aí um parque canino, zona verde e uma esplanada

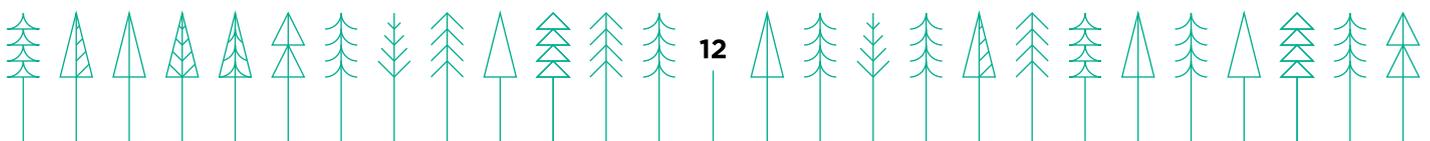
Integrada na nova geração de Contratos de Delegação de Competências, assinados entre a Junta e a Câmara, a requalificação do Jardim Amélia Carvalho, junto à Igreja de Nossa Senhora de Fátima, tem agora início. As obras vão durar cinco meses.

Os residentes das Avenidas Novas, junto à Marquês de Tomar e Elias Garcia, vão ver renascer em breve um novo, mais bonito e mais atual Jardim Amélia Carvalho, capaz de responder às necessidades dos novos tempos de vivência na cidade. **A requalificação do jardim, que deverá estar concluída no início do verão, “contempla a criação de um parque canino e de uma zona de estadia que será apoiada posteriormente por um quiosque e esplanada”,** explica Dora Albuquerque, vogal do Espaço Público e Ambiente da Junta de Freguesia de Avenidas

Novas. “A intervenção inclui ainda os pavimentos, mobiliário urbano e sistema de drenagem. Serão realizadas novas plantações, com destaque para o substrato arbustivo e herbáceo, assim como um novo relvado e reformulação do sistema de rega”.

A requalificação do Jardim Amélia Carvalho integra a nova geração de Contratos de Delegação de Competências, assinados com a Câmara Municipal de Lisboa. O programa foi estabelecido pela Junta de Freguesia e aprovado pela CML, sendo o projeto de requalificação de autoria do Atelier Biodesign, Ambiente e Paisagem, LDA. Implantado ao lado da Igreja de Nossa Senhora do Rosário de Fátima, com entrada pela Av. Marquês de Tomar, Av. Elias Garcia e Av. Poeta Mistral, o jardim é um projeto original de 1960 da autoria do Arquiteto Gonçalo Ribeiro Telles. Mais tarde, em 1971, devido à construção dos novos edifícios ligados à igreja e do antigo Cinema Berna, foi alvo de uma remodelação, com um projeto da autoria do Arq. Pais. Leonel Fadigas.

Muito concorrido pelos vizinhos das Avenidas Novas, o jardim terá em breve uma nova cara para usufruto de todos.



NOVAS DAS AVENIDAS

Subscreva a newsletter semanal da sua Junta de Freguesia em:

jf-avenidasnovas.pt > [Contactos](#) > [Newsletter](#)



JUNTA QUER ESQUADRA DA PSP MAIS PRÓXIMA DOS FREGUESES

A presidente Ana Gaspar reuniu-se no dia 13 com o Secretário de Estado Adjunto e da Administração Interna, Antero Luís, a fim de se inteirar da possibilidade de os cidadãos desta Freguesia disporem de uma esquadra da PSP mais próxima da sua área de residência. Ana Gaspar referiu que “a Junta está a tentar, através de um diálogo profícuo com as diversas entidades envolvidas no processo, responder a um anseio antigo da população”. “Vamos continuar a trabalhar para o concretizar”, prometeu.



NOVO ABRIGO PARA GATOS NO BAIRRO SANTOS

O Bairro Santos ao Rego já tem uma casa para os gatos sem tutor. Foi instalado na Rua Dom António Ferreira Gomes um abrigo para a colónia de gatos daquela zona. Estes refúgios, fundamentais para o bem-estar dos animais, enquadram-se no Programa Captura, Esterilização e Devolução, da Câmara Municipal de Lisboa. A instalação destes abrigos resulta de um projeto vencedor do Orçamento Participativo da CML. Em Lisboa estão identificadas quase três centenas de colónias de gatos.



REMOÇÃO DE GRAFITIS E DE CARTAZES NA FREGUESIA

Os chamados “tags” e os cartazes nas fachadas dos edifícios são lesivos do património. No primeiro mês do ano, a Câmara Municipal de Lisboa planeou a remoção de grafitis e cartazes em oito artérias da nossa Freguesia: Av. Duque d’Ávila, Av. Miguel Bombarda, Av. Praia da Vitória, Rua da Beneficência, Rua Chaby Pinheiro, Rua Francisco Tomás da Costa, Rua Marquês de Suberra e Rua Pinheiro Chagas. Quem vive, trabalha ou passa por aqui, vai voltar a encontrar fachadas limpas e bonitas.



GABINETES DE ENFERMAGEM DA JUNTA À DISPOSIÇÃO DA POPULAÇÃO

A sua Junta colocou à disposição dois gabinetes de enfermagem onde pode usufruir de uma série de cuidados de saúde: consulta de enfermagem, pensos, injeções, avaliação da tensão arterial ou da glicemia capilar, bem como uma série de outras técnicas de enfermagem.

Mercado do Bairro Santos, piso 1. Segundas e sextas, das 16h às 18h. Marcações: 932 242 149.

Avenida Marquês de Tomar 106A. Quartas, das 16h às 18h. Marcações: 932 242 149.



~~~~~ VAMOS ACABAR COM A PANDEMIA! ~~~~~

## “Se não cumprirmos agora, estaremos em confinamento de três em três meses”

**O que ninguém desejava voltou a acontecer. Perante o aumento dramático do número de novos casos de Covid-19 e mortes, o Governo decidiu-se por um novo confinamento. Que só resultará se cada um de nós fizer o seu trabalho e respeitar as regras, lembram os responsáveis médicos que servem as Avenidas Novas.**

O momento é grave e exige responsabilidade individual e coletiva. Fernando Maltez, diretor do Serviço de Infeciologia do Hospital Curry Cabral, e Eunice Carrapiço, diretora do Centro de Saúde de Sete Rios, os dois equipamentos clínicos que servem a freguesia de Avenidas Novas, não têm dúvidas: esta é a hora. “Se não formos capazes, e não cumprirmos agora, é quase certo que dentro

de três meses estaremos de novo em confinamento e que andaremos nisto de três em três meses”, afirma Fernando Maltez. A colega Eunice Carrapiço afina pelo mesmo diapasão. “Sente-se que as pessoas estão muito cansadas, porque são muitos meses com esta pandemia, mas é muito importante que continuemos a cumprir as regulamentações para que todo este esforço não seja em vão”.

Quando, em maio passado, desconfinámos, após quase dois meses, toda a gente achou que estávamos a sair de um longo túnel escuro. Mas não. Com a liberdade concedida no Natal, a fatura pagou-se no início deste ano. “Este novo confinamento era inevitável, tendo em conta a pressão crescente no Serviço Nacional de Saúde”, afirma Fernando Maltez, para quem ficou a faltar o encerramento das escolas. “A ideia era reduzir o contacto entre as pessoas, para interromper as cadeias de transmissão tão bem instaladas. As escolas, do meu ponto de vista, deviam ter sido encerradas logo no início do confinamento para aquelas faixas etárias que são autossuficientes”, defende o diretor do Serviço de Infeciologia do Curry Cabral, situado nas Avenidas Novas e que, desde o início da pandemia, é um hospital de referência para a Covid-19.



O médico não tem dúvidas que, “independentemente das decisões tomadas pelo poder político”, as pessoas “têm de se capacitar que esta batalha começa em cada uma”. “É bom que fique claro que o país não estará imunizado antes do final do ano. As vacinas, tudo indica, serão eficazes e vão resolver o problema, mas até estar criada essa imunidade de grupo de que tanto se fala, vão ser precisos muitos meses. Até ao final do ano, as pessoas têm de manter as medidas não farmacológicas que estão recomendadas, de modo a que não haja um número tão elevado de mortes”, concretiza.

Eunice Carrapiço reforça a ideia. “Não podemos facilitar”, avisa. “Mesmo que pareça que as coisas começam a ficar bem”. A diretora do Centro de Saúde de Sete Rios, que serve a nossa freguesia, reconhece que “tem havido uma grande e crescente procura dos serviços do centro”, mas esclarece que “não há qualquer mudança nos horários”. “Estamos a trabalhar a 100%, focados na nossa população e disponíveis quer para as consultas programadas, quer para os casos agudos”. Apesar da gravidade, a médica prefere deixar um tom otimista. “A vacina é uma esperança. As pessoas têm de sentir isso, porque esta pandemia vai ter fim. Todos os estudos apontam para um grande grau de eficácia da vacina, mas até conseguirmos

uma imunidade de grupo, é preciso continuar a cumprir todas as regras”, afirma, e acrescenta que o processo de vacinação no Centro de Saúde de Sete Rios “está a correr sem problemas. “À medida que as vacinas têm chegado, os pacientes têm sido inoculados no próprio dia. O processo está a correr com grande tranquilidade”.

### ATENDIMENTO PRESENCIAL COM MARCAÇÃO

Tal como aconteceu em março e abril, a Junta de Freguesia de Avenidas Novas limitou o atendimento presencial a casos com marcação prévia. Assim, para Atestados e Intervenção Social, o atendimento presencial é feito aos dias úteis entre as 09h30 e as 12h30. As marcações são obrigatórias pelo 932 242 177 (atestados) e 918 717 854 (intervenção social). Para os Licenciamentos, os interessados devem ligar o número 910 052 238. O atendimento nestes casos será feito aos dias úteis entre as 09h30 e as 12h30 e as 14h00 e as 16h30.

A Junta tem ainda o serviço Resposta Rápida, onde podem ser esclarecidas todas as dúvidas, ou deixadas críticas e sugestões, através dos contactos:

**913 393 174** e [respostarapida@jf-avenidasnovas.pt](mailto:respostarapida@jf-avenidasnovas.pt)



## ~ ~ ~ O DIA A DIA DE UM VOLUNTÁRIO DA JUNTA ~ ~ ~

### “Aqueles sorrisos são muito importantes para nós”

**Todos os dias são muitos os voluntários da Junta de Freguesia que levam comida fresca aos vizinhos mais vulneráveis. E levam também dois dedos de conversa e um pouco de amparo. David é um deles. Estuda Administração Pública de noite, mas durante o dia olha pelo próximo e alimenta a alma.**

“Pão, água, iogurte e prato”. David Pinto leva o saco na mão e prepara-se para tocar no 3.º direito de um dos prédios do coração das Avenidas Novas. O edifício é igual a tantos outros e o dia é, também, igual a tantos outros. “Sou voluntário desde que a Junta precisou. Primeiro estive nas colónias de férias, depois na distribuição. Sempre defendi que devemos fazer parte da solução e nunca do problema. E se é preciso, temos de arregaçar as mangas

e ir em frente, para aquilo que é preciso”, conta o jovem de 20 anos, que trabalha no pelouro de desporto da Junta.

David é um dos muitos voluntários que diariamente fazem chegar aos fregueses mais velhos e mais vulneráveis o apoio da Junta. “É uma realidade que todos nós sabemos que existe, mas depois só nos apercebemos da real dimensão do problema quando nos confrontamos com ele. E isso também aconteceu comigo e com os meus colegas”, sublinha.

A ronda diária começa de manhã na sede da Junta de Freguesia, na Avenida de Berna. “É de lá que partimos diariamente, e em seguida vamos ao Centro Social e Paroquial de S. João de Brito, em Alvalade, onde carregamos as carrinhas”, conta o colaborador da Junta. A rotina é quase sempre a mesma. “Primeiro, começamos pelas avenidas centrais. Depois, vamos para o Bairro Santos ao Rego”.

Voltamos à porta de um prédio igual a tantos outros, no centro das Avenidas. “Quem é?”, ouve-se pelo intercomunicador, dez segundos depois de



David ter tocado à campainha. “É da Junta”, responde o jovem voluntário, enquanto abre a grande porta verde e se prepara para subir a pé os seis lanços de escadas que o levarão ao terceiro andar. “No início isto era um pouco cansativo, porque há muitos prédios que não têm elevador. Chegava ao fim da distribuição muito cansado e acima de tudo, dorido das pernas. Agora já não, já me habituei e faz-se bem”.

David subiu e tarda em descer. Não é chegar, deixar o saco e vir embora. “Muitas destas pessoas estão numa grande solidão. Nós somos a única pessoa a quem elas abrem a portas dias a fio. São pessoas que estão necessitadas de falar, de desabafar e, em muitos casos, aqueles cinco minutos são fundamentais para elas”, relata uns minutos mais tarde, quando está de regresso ao R/C.

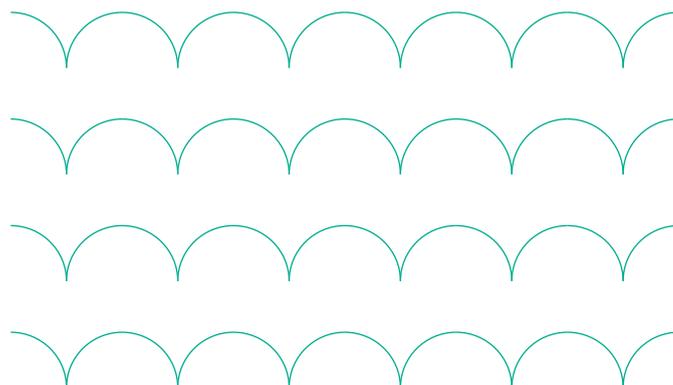
David fala com carinho dos vizinhos com quem já criou alguma ligação. “É inevitável, não é?”, pergunta com um sorriso. “Andamos aqui há uma série de meses, é natural que se crie uma afinidade, uma preocupação, um carinho. Somos uma espécie de psicólogos”, justifica. Às vezes, é como se fosse da família. “Há uma senhora na Defensores de Chaves que, sempre que bato à porta, pergunta logo se é o David”.

Há meses neste constante vaivém, David diz sentir já um “certo cansaço nas pessoas”. “Estamos há dez meses nisto, e as pessoas já começam a sentir um grande cansaço, porque isto não acalma. Ninguém esperava que a pandemia demorasse tanto tempo”, afirma. E acrescenta que “há pessoas que ficam muito exaltadas com o que leem”. “Nós acabamos por tentar acalmar as pessoas, que acreditam em tudo o que ouvem falar. Da minha parte procuro sempre ser pedagógico, explicar o que vai mudar nas medidas”.

A entrega porta a porta continua. A paragem seguinte não é longe dali e o voluntário faz a pé o caminho. “Ando sempre de carro, mas quando são pequenas deslocações não vale a pena estar a pegar no carro e a voltar a estacionar”, justifica. A ementa é sempre diversificada. “Hoje temos rissóis de carne com arroz de cenoura”, informa, enquanto leva o saco da diária preso à mão direita. “Além destes kits diários, ainda há uma entrega à sexta-feira, com prato, conservas e outros alimentos para o fim-de-semana”.

No momento de receberem o almoço, os vizinhos agradecem. E sorriem. “Aqueles sorrisos são muito importantes para nós”, admite David. “É o sinal de que estamos a fazer algo bem”.

O trabalho é exigente, mas o jovem voluntário, que acumula o seu trabalho na Junta com o 2.º ano pós-laboral da Licenciatura em Administração Pública no ISCSP, não se arrepende de ajudar os mais vulneráveis da freguesia. “Tem sido uma experiência ótima, porque ficamos a conhecer novas realidades, que por vezes nos passam completamente ao lado. Andamos tão apressados com as nossas vidas que deixamos de ter a noção que há pessoas que estão muito pior do que nós”.





## A VOZ DO VIZINHO

**Waleed Youssef**

*Cidadão do mundo, escolheu as Avenidas Novas para viver, onde tem demonstrado solidariedade para com os mais vulneráveis*



Vim pela primeira vez a Portugal em 2001, logo a seguir ao 11 de Setembro, por causa de um projeto profissional. Foram poucos dias, mas apaixonei-me por este lugar. Era uma velha Europa cheia de charme e o país não estava afetado pela americanização. Sou filho de pais egípcios, mas nunca vivi no Egito. Cresci em Londres e no Kuwait e, aos 17 anos, fui estudar para Berkeley, Califórnia. Tirei Engenharia Civil, mais tarde Engenharia de Transportes, fiz uma pós-graduação em Economia e ainda um doutoramento em Finanças. Conheço bem o mundo.

Em 2015 decidi assentar raízes cá e candidatei-me ao programa Golden Visa (Autorização de Residência para Atividade de Investimento). Portugal tinha mudado imenso nesses 15 anos, mas conservava esse charme da velha Europa que eu conhecera com os meus pais, pois tinham estudado em escolas francesas e inglesas. Não sou português, mas escolhi Portugal. Sinto laços muito estreitos com Portugal e considero que as pessoas que escolhem um país para viver têm um dever cívico de se integrarem e de darem o seu contributo para a comunidade.

Gosto muito das Avenidas Novas. O que me motivou a viver aqui foi a Gulbenkian, porque adoro o jardim, a serenidade no meio da cidade e a oferta cultural. É maravilhoso ir a um concerto e estar em casa cinco minutos depois. E também gosto muito das próprias avenidas, onde faço longas caminhadas diárias. Caminhar abre-nos o peito e a alma. Adoro os passeios largos, a elegância e a versatilidade deste bairro. Por um lado, é muito residencial e, por outro, tem edifícios de escritórios e pessoas de fato, atarefadas, correndo de um lado para o outro. Não é Nova Iorque [gargalhada], mas há um ar de urgência em certas pessoas.

Quando surgiu a pandemia e o confinamento, estava a visitar um cliente na Arábia Saudita. Quando regresssei, encontrei uma Lisboa muito diferente. Não havia ninguém na rua. Podia passear pelo meio da Avenida da República sem carros. Parecia que estava na Twilight Zone. Mas também notei que as pessoas estavam receosas e desconfiáveis. Porém, os Portugueses são especiais, e a

maioria segue as regras. Conheço bem a realidade portuguesa. Sabia da pobreza, sabia do baixo salário mínimo. Aliás, já antes da pandemia tinha visto pessoas bem vestidas à procura de alimentos no lixo. Eram pessoas com brio na sua apresentação e na sua higiene, que se viam obrigadas a procurar comida. Isso tocou-me profundamente. Senti que tinha de fazer algo.

No meu país, o Egito, usamos cestos nas janelas para os comerciantes fazerem as suas entregas. E um dia vi na televisão que uma mulher no Líbano usava o seu cesto para oferecer alimentos a quem necessitava. A solidariedade é um valor universal. Decidi fazer o mesmo. Pus uma caixa solidária à porta de casa, na Avenida 5 de Outubro. Felizmente, as pessoas começaram a aderir. Via-as virem do supermercado e deixarem lá qualquer coisa. Senti que estava a ter êxito, porque, afinal, é uma ação comunitária, é uma comunidade a cuidar de si própria. As pessoas que tinham necessidades vinham buscar os bens à noite, por se sentirem constrangidas. A caixa oferecia a descrição e o anonimato essenciais. No início direcionei a caixa solidária para artigos para bebé e comida para animais de estimação, porque para muitos idosos a única companhia que têm é um gato ou um cão. A certa altura, porém, algumas pessoas começaram a deixar bilhetes a pedir lâminas de barbear ou sabonete. Significava que queriam continuar a cuidar da sua aparência, não tinham perdido a esperança. É uma metáfora para uma comunidade que ainda se preocupa com a sua identidade, que ainda tem brio e dignidade, o que é extraordinário.

Um dia conheci a presidente da Junta, Ana Gaspar. Ela bateu-me à porta a perguntar que caixa era aquela. Expliquei-lhe para que servia, disse-lhe que as pessoas a estavam a utilizar e até lhe enviei umas fotos da caixa cheia. Ela apoiou-me entusiasmamente. Infelizmente, a caixa foi roubada cinco ou seis vezes. Mas sempre que a caixa era roubada, alguém deixava um bilhete indignado. Via-se que as pessoas se importavam. Aliás, a caixa que está lá agora foi trazida por outra pessoa, o que significa que outros tomaram a iniciativa. Acabei por pôr uma nota para as pessoas terem compaixão. Felizmente, desde aí a caixa não voltou a ser roubada. Este apoio da comunidade foi muito importante.

~~~~~



ASSOCIAÇÃO ZOÓFILA DE LISBOA

Vinte anos a cuidar dos animais desprotegidos e a ajudar famílias carenciadas

Fundada em 2001, a Associação Zoófila Portuguesa é a única organização do género na freguesia de Avenidas Novas. Com cerca de 5 mil sócios ativos, a AZP tem um hospital veterinário aberto 24 horas por dia, ajuda vizinhos mais vulneráveis e ainda cuida dos animais sem tutor. Em breve vai começar a intervir nas colónias de gatos da freguesia.

Não fosse a fila à porta, com cães de todos os tamanhos, e passava despercebido. Mas não, o número 85 da Avenida Luís Bivar é, há quase cinco anos, a sede da Associação Zoófila Portuguesa (AZP), que há quase 20 anos faz o seu trabalho

quase sem apoios, mas com muito carinho pelos animais. “Prestamos cuidados médico-veterinários, com especial atenção para animais sem tutor, ou oriundos de colónias, e para pessoas carenciadas, que não têm condições para tratar dos seus animais em clínicas privadas”, explica Pedro Antunes, biólogo de formação, voluntário por prazer e que há um ano e meio assumiu a presidência da direção da associação.

Sem fins lucrativos, a AZP esteve situada na Avenida Conde Valbom, mas em 2014, mudou-se para as atuais instalações, um espaço amplo com dois andares, três consultórios, uma sala de preparação, áreas de internamento, de meios auxiliares de diagnóstico e bloco operatório. “Atualmente temos cinco mil associados com quotas pagas, mas precisamos do apoio de muito mais gente, até porque somos a única organização deste género na freguesia e temos vivido sem apoios financeiros. Vivemos dos serviços que prestamos e das quotas dos nossos associados”, diz Pedro Antunes.

O presidente da direção destaca o importante trabalho humanitário que a Associação Zoófila Portuguesa faz junto dos tutores mais desfavoreci-



dos. “Não fechamos a porta a ninguém, nem a situações urgentes. Se há um animal que vai em situação urgente para ser atendido, tratamos dele, e depois se vê a questão financeira. Mas há muitas pessoas que nos procuram, que dizem que não têm dinheiro e perguntam se podem pagar a prestações”, conta. “Aí, a direção analisa todo o processo e decide”, completa.

O apoio é sempre importante, até porque “a associação tem cerca de 35 profissionais a seu cargo, entre médicos veterinários, enfermeiros, auxiliares e administrativos”, especifica. A direção, essa, é totalmente voluntária, não sendo remunerada pelas suas funções. Cada associado paga 27 euros por ano, mais quatro euros de joia, mas “a associação também atende não sócios”. “Temos preços para não associados, preços para associados, que têm desconto, e preços de protocolo, que usamos para intervir em esterilização de animais de colónias, ou animais errantes e sem tutor”, especifica o responsável.

A pandemia que estamos a viver veio aumentar o número de pedidos de ajuda. “Como apoia as famílias carenciadas, a AZP é o fim da linha. Quando se fecham portas nas outras clínicas, as pessoas acabam por vir aqui. 2020 foi um ano

muito difícil, com mais pessoas a dizerem que não têm dinheiro e a pedirem a nossa ajuda. E verificámos também um maior número de animais abandonados em colónias, alguns deles já esterilizados, o que significa que tinham tutor”, acrescenta Pedro Antunes.

O presidente da direção acredita que a Associação Zoófila pode ter um papel muito importante no controlo do bem-estar animal nas Avenidas Novas. “Há colónias de gatos, por exemplo, espalhadas pela freguesia. E um dos objetivos da AZP é a esterilização em massa desses animais. Só assim se controla o bem-estar dos animais e a não reprodução em cadeia”, afirma. Nesse sentido, o dirigente elogia a relação que se tem vindo a estabelecer com a Junta de Freguesia. “Temos falado muito em conjunto e estamos muito satisfeitos. A Associação tem um know how importante, que pode ajudar a Junta a definir uma política animal e a intervirmos junto dos animais de rua”, acrescenta.

COMO AJUDAR A ASSOCIAÇÃO ZOÓFILA

Como todas as associações que vivem sem apoios oficiais, a Associação Zoófila Portuguesa (AZP) precisa do seu apoio.

Esse apoio pode refletir-se de várias formas. Em primeiro lugar, tornar-se sócio e beneficiar dos serviços do hospital veterinário a preços especiais.

Pode também fazer um donativo para a Associação através de transferência bancária ou diretamente na página de Facebook da Associação.

Pode ainda fazer entregas de ração e mantas para ajudar os animais internados ou apresentar-se como voluntário na AZP.

Visite o site da Associação Zoófila Portuguesa (www.azp.pt) e encontre todas as informações na secção COMO AJUDAR.



À CONVERSA COM YVETTE CENTENO

“A palavra é só essa, Liberdade, e não é coisa pouca.”

Figura maior da literatura portuguesa, veio para as Avenidas Novas há quase meio século com o marido e os quatro filhos, os Moreiras, famosos nos meios do jazz. Foi aqui que os criou, que deu aulas, que escreveu poesia, ficção, teatro, ensaio e traduziu obras clássicas. Considere um privilégio viver neste lugar, com as pequenas lojas, restaurantes, cafés, esplanadas, supermercados – e a Gulbenkian, com os seus jardins e museus.

O seu nome traz em si a história da sua família. Quer recordar o encontro entre os seus pais, pessoas de países diferentes, e contar-nos um pouco da sua infância?

Na verdade, uso na escrita literária Yvette K. Centeno, o que por vezes intrigou alguns. O K, que passei

a usar sempre, é de KACE, nome de solteira da minha mãe, que era polaca. Pouco tempo antes de começar a guerra, ela e o meu pai tinham-se conhecido em Paris, para onde ela fora estudar. O meu pai ia a Paris encontrar-se com alguns amigos, anti-salazaristas como ele, e de lá trazia livros e informação atualizada sobre a preparação da guerra, já em curso. A certa altura preveniu a minha mãe de que também a França seria invadida, e pediu-lhe que viesse ter com ele a Lisboa. Era 1939, ela veio, casaram-se, e eu nasci em 1940, numa terça-feira de Carnaval.

O que sente ao recordar a vida rica que teve, tanto ao nível profissional como pessoal?

Uma vida rica não significa uma rica vida... Sinto agora, que vou fazer em breve 81 anos, que fui muito privilegiada: pude escolher o que gostava de fazer, e ainda hoje, continuo a fazer o que mais gosto: ler, escrever, ensinar (até me aposentar da Universidade Nova).

Vive há muitos anos nas Avenidas Novas. Sente-se em casa?

É um privilégio viver neste bairro para onde viemos, com os nossos quatro filhos, em 1972. Aqui

a nossa família se organizou nas atividades do dia a dia, as crianças cresceram, até ao momento de fazer as suas vidas. E tínhamos à volta o que fazia falta: pequenas lojas, restaurantes, cafés, esplanadas, supermercados, e uma joia da coroa: a Gulbenkian, com os seus jardins e os seus museus. Por sorte minha, a dada altura, a Universidade Nova de Lisboa veio para a Avenida de Berna, e eu fiquei a cinco minutos a pé de ir dar aulas.

Como tem visto a evolução da Freguesia?

Houve uma mudança que para nós, os mais velhos, é muito significativa: uma nova Presidente que olha para o futuro destes espaços, que deseja renovados e não envelhecidos ou ao abandono. Tudo muda com o passar do tempo, mas tem mudado para melhor, pela sua mão. Atenciosa, generosa, atenta, só temos elogios para a dra. Ana Gaspar, desde que chegou aqui. Uma queixa? Os passeios, traiçoeiros para sapatos altos, que já não uso, mas ainda fazem tropeçar algumas senhoras...

E quanto à evolução arquitetónica na Freguesia? Acompanhou certamente a demolição e substituição dos edifícios do século XIX por edifícios de escritórios, hotéis... Choca-a essa diferença, ou acha que é a evolução natural de uma cidade?

Não me choca a mudança, quando é de bom gosto, planeada por boa arquitetura. O aparecimento de muitos hotéis é a natural consequência do desenvolvimento do turismo, numa cidade apetecível como Lisboa. Talvez se pudesse criar mais algum lar de estudantes, com o aumento que se verifica de alunos que aqui acorrem, à Universidade Nova. O problema do alojamento para quem vem de fora é um dos mais importantes a resolver, pois Lisboa tornou-se muito cara para bolsas mais pobres.

Voltando ao seu trabalho como escritora, investigadora, professora e tradutora. O reconhecimento que tem sentido é importante para si?

O trabalho é um privilégio e não um castigo bíblico, e traduzir sempre foi um prazer especial: dar a conhecer na minha língua outros autores, e também o prazer especial (demorado) de encontrar a palavra certa para o verso certo, sem facilitar nem deturpar. A tradução acaba por ser uma espécie de segunda arte dentro da primeira, que foi a original. Quanto ao reconhecimento... não penso nisso quando trabalho. Faço-o por mim, para mim,

e se mais alguém aprecia, fico contente, é normal.

Tem dois blogues - "Literatura e Arte" e "Simbologia e Alquimia" - e página de Facebook, nos quais publica regularmente. Além disso, recorreu a uma plataforma digital da Amazon para publicar. Sente um impulso forte de comunicar?

O impulso de escrever é algo que tem a ver, como Rilke disse numa carta a um jovem poeta, com a sobrevivência: se quem escreve o faz por fazer, e não por necessidade absoluta, é melhor não escrever. Para mim a escrita é uma necessidade absoluta, mas não forço: acontece.

Logo após a morte de Eduardo Lourenço, permitiu-nos que publicássemos um poema que lhe dedicou. Num país pequeno, sente que temos falta de pensadores?

Falta de pensadores? Pelo contrário, temos excesso de pensadores... Eu preferia mais estudiosos, mais cuidadosos, mais sérios nas opiniões emitidas, a torto e a direito... algo que vai do futebol à política. Eduardo Lourenço foi um estudioso, isso sim, mas colaram-lhe a etiqueta, e não se livrou dela.

Com a ascensão do populismo e do nacionalismo, a democracia deixou de ser um dado adquirido. Como vê as diferenças entre a Ditadura e a Democracia em Portugal?

A grande diferença é a Liberdade. Onde não haja Liberdade não há democracia, apenas simulacro. O meu pai lutou pela Liberdade, eu cresci e vivi sob os dois sistemas, tenho bem presente o olhar que nos lançavam, se não éramos apoiantes do regime, se a peça de teatro que tínhamos escolhido (meus tempos de Coimbra) não agradava à censura. A palavra é só essa, Liberdade, e não é coisa pouca.

Está rodeada de músicos. O seu marido é um dos fundadores do Hot Clube e os seus filhos são figuras de destaque do jazz português. Quando se juntam todos em sua casa, é uma animação...

Em nossa casa houve sempre animação, a paixão da música era geral, tocavam os meus filhos, os nossos amigos e até hoje sinto como dever agradecer aos nossos vizinhos, que nunca fizeram qualquer queixa, de algum incómodo que ensaios ou música em conjunto lhes tivessem proporcionado. Outros tempos, se calhar. Hoje sei de músicos que ou se calam ou têm vizinhos a reclamar...

GENTE COM HISTÓRIA

MARIA DOS SANTOS SOARES

ANTIGA ENFERMEIRA

*São 102 anos de vida
cheios de memórias
para contar*



A placa branca austera no muro da grande casa amarela, a meio da Rua de Campolide, não deixa margem para dúvidas. “Residência de Velhinhos”, lê-se. Em baixo, a letra mais pequenina, a designação “Irmãzinhas dos Pobres” remete para a organização fundada em França em 1839. É lá que vive Maria dos Santos Soares, antiga enfermeira em Lisboa, moradora do Bairro de Santos ao Rego. Uma vida em prol dos outros...

Em tempos de pandemia, todo o cuidado é pouco. Mãos desinfetadas, máscara no rosto, distância de segurança. “Nas visitas normais só permitimos uma pessoa de cada vez. Neste caso, como é uma entrevista, abrimos a exceção. Podem entrar os dois”, autoriza a Irmã que nos recebe e nos convida a acompanhá-la.

Maria dos Santos Soares, 102 anos, aguarda por nós sentada junto a uma mesa redonda no meio de uma sala arejada, cheia de luz, e parcamente decorada. “O que querem de mim? Pouco sei para vos ser útil”, diz a antiga enfermeira, que no ano passado, por influência dos sobrinhos, trocou a sua casa, no Bairro de Santos ao Rego, pelo lar religioso.

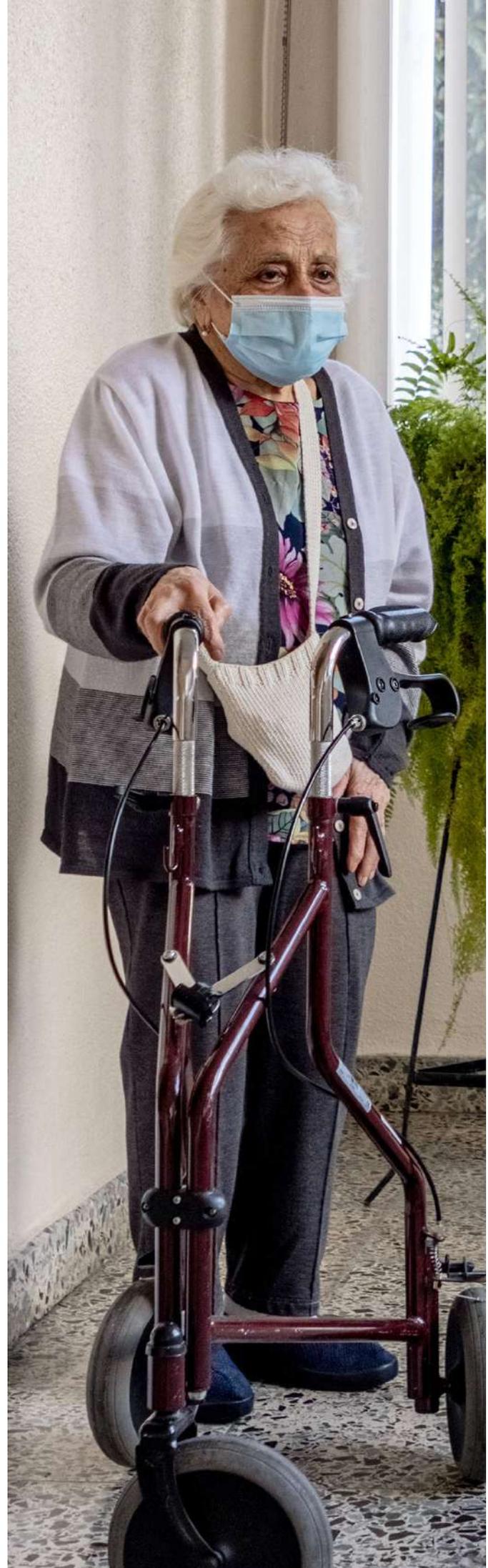
“Não estou mal. Sinto-me bem. Tenho umas dorzinhas de vez em quando, mas são poucas. Tenho sido saudável, graças a Deus. Umas duas ou três operações, mas foram coisas simples”, conta, quando lhe perguntamos como está. À medida que fala, a máscara, nitidamente grande de mais para o seu rosto, vai caindo. De repente lembra-se. “Ai, e dei uma queda já aqui no lar”. Resultado: nova operação, desta vez ao colo do fémur. O andarilho, estrategicamente colocado ao lado da cadeira onde está sentada, tornou-se seu aliado.

“Estava sozinha em minha casa, mas os meus sobrinhos tinham medo que eu estivesse por lá e arranjaram forma de eu vir para aqui. Foi uma coisa muito boa que Deus me fez. Elas tratam bem de mim”, conta. E está acompanhada, acrescentamos nós. “Ah, coitadinhas. As senhoras que estão aqui são todas muito mais novas do que eu, mas falam muito menos. São muito caladinhas”, ri. Maria fala de forma desenvolta. Lembra-se de tudo, embora, por vezes, a memória lá lhe pague uma partida. “Já tenho noventa e... oh, 90!!! Nada disso. Vou fazer 103 no dia 20 de junho”, diz, arregalando os olhos. Poderia ser um sorriso se a máscara deixasse ver. “Ai que chatice, ela foge. A máscara é muito aborrecida, é”, lamenta, enquanto a puxa para cima, para cobrir o nariz.

Esteve no Hospital de Jesus, ali na fronteira entre o Príncipe Real e S. Bento, durante 22 anos. “Uma vida! Mas já fui para lá tarde”, avisa. Antes ainda tentou uma aventura em África, ao lado do marido. “Ele foi primeiro e depois mandou-me ir ter com ele. E eu lá fui, mais os dois filhos ainda pequeninos”. A aventura não correu bem e voltou para casa dos pais, no Bairro do Rego. “Eles ainda eram vivos”, recorda, enquanto vai ajeitando a máscara cirúrgica que teima em cair a cada cinco palavras. “Isto [a Covid 19] foi uma praga muito grande que nos deitaram. Ou estão a fazê-la mais perigosa do que ela é ou então nunca veio uma tão perigosa”. Maria dos Santos está bem informada. Sabe que “a vacina já está aí” e espera que “ela dê resultado”. Todas as noites, “um sobrinho, já reformado” dá-lhe as notícias do dia. “Nós aqui deitamo-nos muito cedo. Jantamos às seis e deitamo-nos às seis e meia, um quarto para as sete. O meu sobrinho telefona-me todas as tardes, quando nós já estamos no quarto. E é aí que me dá as notícias”, desfia.

Mas, afinal, como é que a enfermagem surge na vida de Maria? “Uma irmã minha era enfermeira geral e disse-me para eu tentar fazer o curso de enfermeira auxiliar”. E assim foi. Contou com a ajuda da mãe para tratar dos seus filhos, e foi para a escola. “Foi exigente, chegava muito tarde a casa para assistir àquelas aulas. Acabei o curso com 36 anos, e já não pude candidatar-me aos Hospitais Civis, porque o limite de idade era 35”. Não se fez rogada. Acabou o curso e contou com a ajuda de uma amiga da mãe, que trabalhava no Hospital de Jesus, para lhe dar emprego. Por ali ficou 22 anos, até se reformar. “Gostei muito de lá estar. Fazia de tudo. Nos primeiros dois anos, fazia da meia-noite às oito da manhã. Era duro. Depois, acabei por trabalhar noutros horários. Mas gostei muito. Conheci muito boa gente, fiz muitos amigos”.

Hoje, quando olha para trás, vê “uma vida muito trabalhosa”. “Houve um tempo em que eu dava injeções ali ao pé da Igreja de Nossa Senhora de Fátima. E eu passava a manhã a subir aos quartos e quintos andares em prédios sem elevador, para dar injeções. Depois, tinha de ir para casa ajudar a fazer comida para os filhos e para a minha mãe e ia, em seguida, para o hospital”. Maria dos Santos – mais de um século de vida e uma de muitas vidas que a Freguesia de Avenidas Novas tem para revelar.





ENTREVISTA A FÁTIMA CAMPOS FERREIRA

“Um país sem memória é como um barco à deriva”

Aos 62 anos é uma das mais conhecidas jornalistas da televisão portuguesa. Conduziu o “Prós e Contras” durante 18 anos e ninguém lhe fica indiferente. Não esconde a pronúncia do Norte, tem o estilo combativo que herdou da infância minhota e radicou-se em Lisboa há quase três décadas. Sempre nas Avenidas Novas.

Entrevista: Nuno Azinheira

O ano de 2021 começou sob a luz da Ciência e da Esperança, com a nova vacina contra a Covid-19. Mas logo a seguir, veio o novo confinamento...

Sinto que o século XXI, verdadeiramente, só vai começar agora. A rutura e o abismo foram tão grandes que eu sinto que estes primeiros 20 anos do século XXI foram uma espécie de prefácio do que vai ser o futuro. Sobretudo, se a pandemia

desanuviar lá mais para o final do ano – porque eu acho que ainda temos pela frente uma noite escura.

Vejo-a pouco otimista.

[pausa] Realista. Estamos no inverno, o general inverno. E depois do Natal e do Ano Novo, assistimos, como se previa, a um novo crescimento da pandemia. Portanto, até que as vacinas façam o seu efeito, criem a tal imunidade de grupo, ainda vamos precisar de muito tempo.

Mas quando sublinha que o século XXI começa agora refere-se a quê, em concreto?

Às transformações sociais e políticas, ao surgimento de novas mentalidades, de novas tecnologias. Mas vai ser muito mais do que isso. Acredito mesmo que as mentalidades vão mudar de uma forma muito mais rápida. Vamos assistir a um mundo diferente daquele que eu vivi no século XX.

Mas vê na pandemia o catalisador dessas mudanças?

Vejo, vejo. Houve aqui um fosso que se abriu entre o antes e o depois. Aliás, isso aconteceu igualmente no século XX, após a I Guerra Mundial. A grande pergunta de um milhão de dólares é saber

se esta brecha que se abriu - e este mundo novo que temos pela frente - é melhor ou pior do que tínhamos. Ninguém sabe. É muito cedo para dar essa resposta.

E o que mudou na nossa relação com os outros?

Essa é a parte muito má. Este foi um ano em que o Homem se afastou de si próprio e dos outros, e que se agarrou ainda mais às tecnologias.

É um caminho sem retorno?

Nada é sem retorno. Quando olhamos para o caminho da História, e para os milhões de anos do planeta, temos a noção de que estamos a pisar alguns dos caminhos que já pisou o Império Romano. A História reinventa-se. E esse afastamento de que falava conduziu a uma grande bipolarização da humanidade. Hoje vivemos em sociedades cada vez mais extremadas. Os moderados, os que estão no centro, são cada vez menos. E eu incluo-me nesse grupo. Cometeram-se muitos erros, que não foram emendados, e o resultado é que os extremos estão cada vez radicalizados.

Preocupa-a o crescimento em Portugal de partidos políticos extremistas, à semelhança do que já acontecia por grande parte do Mundo?

Preocupa-me, claro. E cá está a História a repetir-se. É mais um ciclo. Isso já foi muito visível no século XX com o surgimento das ditaduras. À direita e à esquerda. O fascismo e o estalinismo. Tudo isto, como sabemos, acabou muito mal. Por isso, preocupa-me o que vem aí. E as pessoas têm de estar bastante atentas a isso.

A primeira entrevista que lhe fiz foi há 20 anos, quando a Fátima apresentava o “Telejornal”. Que nova Fátima é esta que tenho à minha frente?

[sorriso] O tempo passa, não é? Esta Fátima é a mesma de sempre. Eu sou sempre a mesma. Com um bocadinho de recheio diferente, claro. Os anos passam por nós, têm impacto, deixam marcas. Cada um de nós tem as suas vitórias, mas também as suas perdas. Eu já não tenho pais, tive uma doença que é pública e que está estacionária. Mas, de resto, sou a mesma. Mais experiente.

Hoje é uma espécie de senadora das redações. Os cabelos brancos dão esse estatuto?

Sim, talvez, embora eu não goste nada desses estatu-

tos. Eu nunca me considerei uma senadora. A sociedade perdeu referências. E, portanto, é relativamente fácil olhar para alguém que faz um percurso coerente como o meu, e ver uma âncora.

O “Prós e Contras” ganhou uma relevância muito significativa na sociedade. Sente que mudou a forma como as pessoas olham para si?

Não consigo dizer-lhe isso. Agora, é óbvio que puxou muito por mim. É verdade que eu consegui alcançar determinados setores de atividade que até aí não conseguia. Mas foi à custa de muito esforço, muito trabalho, muito estudo, muita perseverança. A minha vida nos últimos 20 e tal anos foi vivida em função do trabalho.

O que fica do “Prós e Contras”, que apresentou durante 18 anos?

Foi uma epopeia. Levar aquilo por diante foi muito complicado. O programa foi sobrevivendo a muitas ondas, a tempos diferentes, a crises políticas diferentes. Fui renovando as gerações, mas mantendo um olhar sério sobre a memória do país.

É um assunto muito caro à Fátima.

Sim, é. Porque um país sem memória é como um barco à deriva. Eu talvez tenha sido a única jornalista a juntar três presidentes da República, quando uma vez fiz um programa na Aula Magna, no final das comemorações da República. Portanto, aquele debate deu-me essa capacidade de aglutinar, de influenciar. Todas os dias eu recebia cartas e emails de todos os quadrantes da sociedade, a pedirem para ir ao programa, ou a oferecerem participações. O “Prós e Contras” foi um programa que se ultrapassou a si próprio e tornou-se uma espécie de livro aberto da sociedade.

Alguma vez sonhou com isso?

Não, claro que não. Eu tinha as minhas ambições, mas nunca pensei chegar aqui. Estive na morte de João Paulo II e na eleição de Ratzinger e de Francisco. Nunca sonhei com isso, claro. Mas eu tinha uma ambição. Sendo eu professora de História, isso criou em mim, quando entro no jornalismo, uma expectativa de contar a História do imediato.

Quais eram as suas referências quando chegou à profissão?

Olhe, o Adelino Gomes era uma das minhas referên-



cias maiores. Em televisão, o José Manuel Barata-Feyo, a Maria Elisa. Até do ponto de vista da comunicabilidade, da capacidade de chegar aos outros, o Carlos Cruz era uma inspiração, um comunicador absoluto. Portanto, eu tinha ambições: eu não queria fazer um jornalismo sem impacto.

A Fátima passou a conduzir uma entrevista de vida a grandes figuras da sociedade civil. O “Primeira Pessoa” é novo no conceito e na linguagem, mas a Fátima sempre fez entrevistas deste género...

Aliás, a primeira coisa que eu fiz em televisão foi uma entrevista à Maria Clara, mãe do Júlio Machado Vaz. Depois, fiz dezenas dessas entrevistas. Dezenas. Em vários momentos da minha vida profissional. No Porto, em Lisboa, durante o tempo que fazia o “Telejornal”, depois, durante o “Prós e Contrás”.

Então o que é que difere neste “Primeira Pessoa”? O que marca a diferença é eu estar mais dedicada a procurar, através da entrevista, uma espécie de pensamento sobre o que é ser português. Nestas entrevistas, eu procuro descobrir quem são os portugueses do nosso tempo. Qual é o seu pensamento sobre o país, sobre eles próprios.

Já não estamos numa arena onde vão intervir 30 pessoas, como era no “Prós e Contrás”, mas sim numa entrevista cara a cara, mais intimista.

Tudo com um cuidado e uma gramática visual completamente nova neste género de programas...

Precisamente. O que me interessa é a essência. E eu hoje percebo melhor o que é a essência das coisas. É preciso continuar a estudar muito, é preciso levantar épocas históricas, e essa é uma das minhas mais-valias, porque eu sempre estudei desta forma. Mas depois, é preciso não esquecer que televisão é espetáculo. Tem de ser feita de forma apelativa. E isso não se pode descurar. Por muito simples que a linguagem seja, depois tem de haver uma gramática visual que acompanhe isso. Consegui-o com uma equipa muito jovem que a RTP formou na Academia. Formou vários profissionais, mas ficou com estes, com quem eu já vinha trabalhando.

Esse casamento entre a sua experiência e a juventude dos que colaboram consigo veio realçar o seu lado pedagógico. A Fátima é professora de Jornalismo na Universidade Lusófona há muito tempo...

... Sim, já faço parte da mobília. Eu sempre fui muito pedagógica. Mas os jovens de hoje são muito diferentes dos do tempo em que comecei a dar aulas. Tenho alunos que ganharam o Prémio Gazeta [o mais importante de jornalismo em Portugal]. Eu nunca ganhei o Prémio Gazeta.

Diz isso com alguma pena...

Ah, gostava de ganhar, é evidente. Mas nunca ganhei. E fui professora de dois alunos que ganharam o Prémio Gazeta. E digo isto com muito orgulho. Os primeiros alunos que tivemos ali eram de excelência. Hoje, tenho a impressão que estamos a formar alunos para muitas outras prioridades que não o jornalismo. Para a comunicação em geral.

A Fátima trocou o Porto por Lisboa há quase 30 anos. Mas continua a ter essa inconfundível pronúncia do Norte que nunca perdeu.

Eu gosto de sotaques, sejam eles de onde forem. Este sotaque à Norte foi porque eu cresci em Valença do Minho, onde passei a minha primeira infância.



Nunca fez esforço nenhum por perdê-lo?

Não, não. Por que razão haveria de fazer? Isso é uma coisa que eu gosto. Quando eu vim para Lisboa, era uma coisa difícil ter sotaque e sucesso ao mesmo tempo. A maior parte das pessoas que vinha, rapidamente tinha de falar à moda de Lisboa. Eu não, resolvi assumir a pronúncia. Não vejo qualquer mal nos sotaques.

Mas, ao contrário do que a maior parte das pessoas pensa, a Fátima não é do Norte.

Não, não sou. Eu sou de Lisboa [gargalhada]. Nasci em Lisboa, é verdade. Sou filha de um funcionário público que fez um périplo pela província. E que depois se radicou no Porto. O meu pai era alfandegário e esteve na Alfândega de Valença durante 15 anos. E por isso a minha infância em Valença. Numa outra Valença com menos prédios.

O que há de nortenho em si?

Além do sotaque, esse desembaraço, essa forma de estar do Minho, que eu considero muito alegre. Não se guarda para amanhã o que se pode fazer hoje. Os nortenhos são assim.

E o que lhe dá Lisboa?

Uma certa melancolia da minha infância. Eu vinha passar as férias a Lisboa, a casa da minha

avó. Lisboa é uma cidade berço para mim. É lindíssima. E dá-me a noção que este país, por muito pequeno que seja, está sempre de portas abertas.

A cidade esteve também de portas abertas para si há quase 30 anos, quando trocou o Porto por Lisboa. E em particular pela freguesia de Avenidas Novas, onde a Fátima sempre morou.

Sim, é verdade. Primeiro, do outro lado da Gulbenkian, mais próximo da Marquês de Tomar, e agora deste, mais próximo da Praça de Espanha, mas ainda na Freguesia.

É fiel às Avenidas Novas...

Sim, sou [gargalhada]. Este triângulo Avenida da República - Gulbenkian - El Corte Inglés é muito interessante. Tem espaços verdes, tem esplanadas, tem espaço público de qualidade. E depois é um verdadeiro templo comercial. Depois, tudo funciona em redor do jardim da Gulbenkian. É um jardim quase pessoal e que me tem acompanhado. Quando tenho algum trabalho difícil, vou estudar para a biblioteca. Mas a Freguesia tem tudo e tem a vantagem de ser plana. Por isso, ando muito a pé e se não quiser pegar no carro, não pego. É uma zona muito interessante. E creio que com as obras da Praça de Espanha a mobilidade vai melhorar muito, e a fruição pública também.



EMPREENDEDORES: AUDAX

Ambição, valor humano e espírito de equipa

Nasceu na Universidade mas está aberto ao mundo. O Centro de Empreendedorismo e Inovação do ISCTE existe para transformar ideias em negócios.

O Mundo está em constante mudança. E os números também. Em 15 anos, o Audax - Centro de Empreendedorismo e Inovação do ISCTE já apoiou mais de 15 mil empresários e presta serviços de consultoria a mais de 150 empresas - e entre elas figuram algumas das mais importantes do país. “Nascemos em 2005 com o objetivo de apoiar ideias e projetos que tenham origem no ISCTE, noutros estabelecimentos de ensino superior ou noutras organizações que tenham equipas ou pessoas com ideias e projetos relevantes e com forte potencial de mercado”, explica o presidente da direção do centro. Pedro Sebastião acrescenta que o Audax “tem uma equipa muito experiente e

complementar, constituída por diretores, coordenadores e técnicos de excelente qualidade técnica e com forte valor humano”.

O objetivo é só um: “ajudar a fazer acontecer”, através da “ações de capacitação em inovação e empreendedorismo”, mas também “mentoria a equipas empreendedoras de startups”, “desenvolvimento de estudo e projetos” e a “incubação de startups e projetos de sucesso”. Mas afinal, que apoio podem receber os jovens e futuros empreendedores deste centro de inovação do ISCTE? “É uma ajuda muito relevante, desde o apoio técnico, económico, social, jurídico, impacto ambiental, nos seus projetos, assim como o suporte para a transferência do conhecimento e tecnologia (direitos de propriedade, - registo de patentes, propriedade intelectual, registo de marca, criação de empresas)”, enumera Pedro Sebastião.

O responsável esclarece que não é obrigatória qualquer ligação ao ISCTE. “Somos inclusivos e apostamos em fazer acontecer e crescer equipas com forte conhecimento e ambição, e com valor humano e espírito de equipa, e de escalabilidade internacional”.

MEMÓRIA DAS AVENIDAS



Antes e... Depois

PALACETE VISCONDES DE VALMOR

Com traço do arquiteto Miguel Ventura Terra, o palacete construído para a Viscondessa de Valmor ficou concluído em 1906 e, no mesmo ano,

ganhou o Prémio Valmor, que fora atribuído pela primeira vez em 1902. De 1983 a 2007, no 38 da Avenida da República, esteve instalado o Clube dos Empresários. Após sofrer alguma decadência, foi adquirido por um grupo hoteleiro e recebeu obras de beneficiação.

ATENDIMENTO POR MARCAÇÃO

Uso Obrigatório de Máscara



Marque o atendimento presencial



Dias úteis Atestados e Intervenção Social
09h30 às 12h30

Atestados - 932 242 177

Intervenção Social - 918 717 854



Dias úteis Licenciamentos
09h30 às 12h30 e 14h00 às 16h30

Licenciamentos - 910 052 238

RESPOSTA RÁPIDA

913 393 174

respostarapida@jf-avenidasnovas.pt